

ESCREVIVER*

Lídia Jorge

Agora que a distância permite os seus balanços, sei que a minha infância foi esplendorosamente rica porque pude crescer entre árvores e viver plenamente ao sol. Não sei de riqueza maior. Creio com sinceridade ter sido o cheiro da terra, a cor do mar, o verde das ervas, o conhecimento das nuvens, o que me salvou do caos dos primeiros embates — doutro modo o que poderia ter sido?

Na casa onde vivi o silêncio era tão intenso que permitia distinguir a voz de todos os bichos, os domésticos e os livres, como sinais de um código. Sendo esse silêncio por vezes demasiado opulento e grave, cedo descobri que havia uma secretária a um canto onde se guardavam os livros do meu avô e do meu bisavô maternos. Também os desenhos e as redacções do meu pai. Mas os livros não eram muitos, e as primeiras vezes que lhes peguei foi para lhes encher as margens de desenhos canhotos. Só que na minha família de mulheres era tão grande o gosto pelos "romances" quanto a falta de vagar para os ler, ocupadas que estavam com as mãos. Pude então fazer a experiência curiosa de ter aprendido rapidamente a soletrar pela Cartilha de João de Deus, para em seguida adquirir velocidade na leitura das histórias da Princesa Magalona, de João de Calais, Branca Flor e a do Homem que foi a Buscar o Estandarte a Espanha. Tinha seis anos na altura, e embora nem sempre conseguisse acabar as histórias, comecei a viver com a cabeça povoada de fantasias bárbaras, estremecendo ao mínimo ruído, por julgar que atrás das árvores existiam espanhóis com caldeirões de azeite fervente onde me poderiam fritar. Inconsolada, chorava pelo Menino da Mata e seu cão Piloto — porque o tinham abandonado? Seria verdadeira a história? A dada altura a minha mãe achou que os terrores noturnos que me impediam de dormir estavam relacionados com essas leituras de horas inteiras que me punham os olhos vermelhos e a espinha torta. Foi assim que às escondidas da mãe, e em pacto clandestino com a minha avó, li aos oito anos "Amor de Perdição". "Os Fidalgos da Casa Mourisca" e essa história mais do que decadente chamada "Rosa do Adro". Aconselhava-me a minha avó a saltar as páginas iniciais e todas as que fossem compactas. Ela gostava dos diálogos e indicava-mos olhando a configuração das linhas na página.

A vida das personagens, gloriosa e trágica, assumia então proporções de veracidade fílmica dentro da minha cabeça, amava e detestava figuras com toda a força do nervo, e essas histórias tão morbidamente vividas dentro de mim, iam-me criando uma sensibilidade molestada e grave. Nos lances finais das mortes, dos encontros e dos desencontros, sumia-se-me a voz e parava para chorar atrás das páginas levantadas,

*Publicado em PALAVRAS - Revista da Associação dos Professores de Português. Lisboa, 1983. nº 4,5,6, pp.4-6 (autorização da Autora para a reprodução na EPA-Estudos Portugueses e Africanos nº 5, 1985).

já que por pudor não queria mostrar a tristeza que me ia dentro — "A Lídia esteve a chorar?".

Não, não esteve. Escondíamos os livros debaixo do colchão, no fundo das gavetas, debaixo das mantas para que a minha mãe não soubesse. E felizmente que no intervalo desses actos semi-trágicos de leitura, ia descobrindo que havia também dentro da secretária uma selecta literária, uma história de Portugal ilustrada com representações de Viriato e Sertório, retrato de todos os reis e suas esposas. Felizmente também que as mulheres e os homens da terra semeavam durante o inverno e ceifavam durante o verão. Eu via-os. Sentava-me sobre os valados e, ao ouvi-los cantar e rir, tecia ligações entre eles, histórias semelhantes àquelas que os livros me forneciam. Queria que se amassem, que houvesse impedimento, que as mulheres fossem raptadas, que os homens fizessem batalhas por elas, que alguns deles casassem e vivessem sumptuosamente, e que outros morressem deixando cartas. Misturando tudo. Nessas horas de divagação a ver a vida e a transformá-la dentro da cabeça, era eu quem ditava a história, e as pessoas, os meus personagens, que são se encontrariam e teriam filhos se eu quisesse. Felizmente que era assim.

Mas um dia, durante umas arrumações profundas, veio ter-me à mão uma "Ilustração Portuguesa" sem capa e furada de bicho. Continha cartas, discursos, poemas, relatos de viagens, reprodução de quadros magnificamente bucólicos, cenas familiares antigas, álamos debuchados que eu nunca vira. Era um mundo longínquo, dessincronizado para um tempo que já assistia à morte dos transatlânticos e à subida do avião ao trono, como rei dos transportes. Devo ter passado por cima dessas páginas o estrato mais fresco da minha memória, porque ainda hoje guardo algumas das imagens com o por menor exacto. Foi assim que retirei uma página que continha uma figura de mulher de olhos postos no mar, agarrada a um rochedo, com os braços roliços e uma faixa avejoando no ar. Por baixo um inscrição — Sapho de Lesbos. Havia atrás duma arca uma moldura donde tinha saído um espelho quebrado, e aí coloquei a minha Safo. A família investigou mas consentiu porque tomou a poeta por um anjo. Ia fazer onze anos e nesse outo no abalei para o liceu com uma mala de viagem, a Safo na moldura e as vinte páginas do meu primeiro romance. Mau grado todos os antecedentes, era uma história feliz, de calcada a partir d'"As Pupilas do Senhor Reitor". Nessa altura julgava-me predestinada a escrever, e pensava que a escola seria o local oportuno para fazer um aprendizado.

Julgava. Mas aí o Português são aconteceu três vezes por semana, e durante essa escassa hora liam-se textos patrióticos sobre Mouzinho e a prisão de Gungunhana com uma voz baça de indiferença. Os resumos das fábulas de Esopo pareciam-me anedotas descabeladas donde era preciso arrancar a ferros uma moralidade qualquer, para mim que vinha com a cabeça povoada de gente amante e moribunda. A nossa escrita na aula resumia-se a pouca coisa. São que um dia haveria de chegar o momento da redacção fatal — "O que serei quando for grande". Eu era o número vinte e seis da turma D e ficava ao fundo no lado da porta. Senti nesse princípio de aula o coração bater descompassado pensando que ia nesse momento estabelecer uma ponte com alguém, meu ouvin

te e conselheiro, meu amigo, e comecei — "Quando eu for grande quero ser como Sapho". Parei, ouvi os tacões da professora a andar sala abaixo, ela deu a volta por trás, olhando à direita, à esquerda, e veio até mim. Perdi a vista. A professora deveria ir dizer: "Muito bem, continua", estimando-me, sem dúvida. Mas isso não aconteceu. Continuou em silêncio e leu em voz alta: "Quando eu for grande quer ser como sapo..." . Puxou-me levemente pela trança esquerda. "Sapo? Mas que ideia é essa?" Todas as companheiras suspenderam as escritas e puseram os olhos em mim. Dirigiu-se então a professora ao estrado explicando pausadamente que não se tratava duma fábula em que os animais falassem. Que prestassem atenção. Senti-me nesse momento infinitamente menor e maior do que a professora, quis falar e não consegui. Parada, de caneta na mão. A hora ia avançando e era preciso riscar essa primeira linha. Risquei e substituí. "Quando for grande quero ser professora".

Passaram quatro anos de tentativas. Fiz letras para canções, versos por encomenda para colegas apaixonadas, alexandrinos para as Comemorações Henriquinas, sonetos sobre a casa que estava longe, e como amava a música sem a poder produzir, fiz poemas sobre o acordeão e o violino. Do lado de cá, selvagememente, sem intervenção de ninguém. Foi preciso ter quinze anos e ser aluna do professor Joaquim Magalhães para que alguém viesse até junto da minha carteira, contente com a descoberta. A ele devo ter ouvido grandes aulas de poesia viva, devo a indicação das leituras correctas, devo-lhe sobretudo um grande entendimento e muito mais. Foi ele quem me atçou a chama silenciosa com que atravessei os longos anos de embate com a vida. É por isso que sei agora que a predestinação não existe — existe a destinação que nós mesmos tecemos e os encontros felizes que vão surgindo.